

O QUE SE MOVIMENTA NO CERNE DA PALAVRA TRANSDISCIPLINARIDADE?

Maria F. de Mello e Vitoria M. de Barros

Texto apresentado via Zoom em 24 de novembro de 2020
no Ciclo “Transdisciplinaridade e o Futuro” organizado pelo
Instituto de Investigación en Comunicación y Cultura – ICONOS, México

Boa noite. Vitoria Mendonça de Barros e eu, Maria de Mello somos membros ativos do Centro de Educação Transdisciplinar – CETRANS que fundamos em 1998 aqui em São Paulo, Brasil. Gostaríamos de agradecer o convite que recebemos da Dra. Julieta Haidar e do Dr. Rafael Mauleón para participar deste encontro, bem como a presença de todos vocês que nos ouvem.

Vitoria e eu optamos por intercalar nossas falas nesta 1 hora de apresentação. Primeiramente, falaremos sobre como entendemos a Transdisciplinaridade; em seguida como implementamos a Transdisciplinaridade em nossas ações. Que nossas trocas sejam um momento fecundo para nos aproximarmos da questão que propusemos para hoje.

O que se movimenta no cerne da palavra Transdisciplinaridade?

Começo com uma citação de Martin Heidegger, na obra *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica*. Nela, ele se refere a “como conceitos se movimentam no cerne da conceptualidade e ... sempre coinserem conceptivamente o conceptor no interior da pergunta”. Foi a partir daí que formulamos essa questão e como o próprio Heidegger bem esclarece, colocamo-nos no interior dela para conversarmos com vocês.

E essa questão nos levou a duas indagações:

A primeira:

- 1) *De que fala a palavra Transdisciplinaridade?*

A segunda:

2) *O que diz a palavra Transdisciplinaridade daquilo que fala?*

Quanto à primeira questão – *De que fala a palavra Transdisciplinaridade?*

Podemos afirmar que há uma plurisignificância inserida nela, e é isso que lhe dá um movimento complexo e multidimensional.

Podemos iniciar dizendo que a Transdisciplinaridade fala da REALIDADE e do REAL, e que diz muito sobre essas palavras. Há um trecho do livro *Manifesto da Transdisciplinaridade*, de Basarab Nicolescu e na sua fala do dia 30 de outubro de 2021, por ocasião da abertura do III Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, onde ele afirma: “Entendo por REALIDADE, em primeiro lugar, tudo aquilo que *resiste às nossas experiências, representações, descrições, imagens ou formulações matemáticas*”. Na Mensagem de Vila Velha, Vitória, formulada no II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade em 2005 está escrito: o REAL...é referência absoluta e sempre velada.



Esta linda tapeçaria Navajo de cerca de 1900, aparentemente um pelego para se usar sobre a sela de um cavalo, foi tecida para Abraham Spiegelberg que viveu entre (1848–1927). Ela, como muitas outras obras criadas desde longa data e que expressam a chamada “arte objetiva”, representa e apresenta ao nosso potencial psíquico a dinâmica do Ser multidimensional, com extrema, simplicidade, singeleza, sabedoria e entendimento, o movimento que se desdobra do REAL à REALIDADE e vice-versa. E assim acontece na Transdisciplinaridade.

Explico. Há uma dinâmica, que podemos nomear ENTROPIA que a partir do REAL vai se desdobrando nível após nível até uma REALIDADE mais concreta. Há, também, uma dinâmica, nomeada por Terry Lindahl, INTROPIA, no tratado *Harmonics of Unity* de sua autoria, obra já traduzida para o português e espanhol, que se movimenta da REALIDADE mais concreta através de sutalizações sucessivas, até o que chamamos de REAL, o abstrato,

o inominável, o intangível. Assim, se desenha um caminho descendente e um caminho ascendente, ambos acontecendo simultaneamente, o que levou Lindahl a afirmar que, nessa concepção, ENTROPIA = INTROPIA. E tudo se dando, ao vivo, na existência, na nossa cotidianidade, na Epoché em que estamos lançados, onde coexistem, homens em diferentes estado de consciência: o *Homo Hypnon*, adormecido; o *Homo Vigilante*, já no caminho do despertar; o *Homo Sapiens*, aquele desperto.

Esse movimento Real/Realidade – Realidade/ Real; Entropia/ Intropia – Intropia/Entropia é magnificamente relatado nessas palavras de Empédocles:

O poder do éter o impele para o mar,
o mar o lança em terreno sólido,
a terra o lança em raios do sol radiante e
o arremessa em redemoinhos de éter.
Cada um o recebe do outro,
O outro de um outro, e todos o odeiam.
Este é o caminho que eu também estou trilhando,
exilado dos deuses e andarilho,
colocando minha confiança em
louca contenda.

Como vemos nesse poema, se por um lado, a palavra Transdisciplinaridade é recente, por outro lado, o que se movimenta no seu cerne é muito antigo, pois faz parte do acervo de conhecimento e sabedoria do oriente e do ocidente há séculos. Essas sabedorias e conhecimentos tem sido expressos nas mais variadas formas, seja através das artes, da literatura, da filosofia, das religiões, das cosmologias e cosmogonias das tradições escritas ou orais.

Quanto à segunda questão – O que diz a Transdisciplinaridade daquilo que fala?

Podemos avançar falando que ela diz do que está *ENTRE – ATRAVÉS – ALÉM* das disciplinas, das pessoas e das coisas. E que uma vez isso posto,

essas próprias palavras nos remetem aos ENTES, ao SER dos ENTES; ao SER; à FINITUDE; à INFINITUDE e ao VAZIO.

O *ENTRE – ATRAVÉS – ALÉM*, prefixo “*trans*” de Transdisciplinaridade, nos aproxima de diferentes fenomenologias que se inscrevem em diferentes Níveis de Realidade, desde aqueles que expressam as realidades macro físicas até aqueles mais sutis que se expressam nos registros mítico, simbólico, anímico e espiritual.

Quanto ao prefixo *ENTRE*, escrevi em 2018, no livro *Ações Compositivas – Encontro Catalisador Transdisciplinar* que:

É evidente que *além* do ser bio-sócio-cultural-racional que somos, enquanto humanos desvendando nossa humanidade, estamos sempre *Entre*, na terceira margem do rio: estamos entre o mundo da quantidade e da qualidade; da perda e do ganho; da memória do passado e do futuro; do que herdamos e do legado que deixaremos; do quanto afetamos e somos afetados; do que conhecemos e do que entendemos; do que comunicamos e do que calamos. Estamos entre o racional e a ordem estética; entre Apolo e Dionísio; entre Antígona e Creonte; entre o ôntico e o ontológico; entre o epistemológico e o onto-epistemológico; entre a teoria e a prática; entre a existência e a inconsciência; entre a técnica e a adequação; entre a ignorância e a sabedoria; entre o ordinário e o extraordinário; entre o evidente e o mistério; entre o terror e o maravilhamento, – nós humanos, viandantes, extraordinariamente seres transdisciplinares entre o céu e a terra. [pág.]

Quanto ao prefixo *ATRAVÉS* podemos dizer que ele abre e atravessa fronteiras, rompe véus de separação onde informações são perdidas, esquecimento impera, o sentido se obscurece. O *ATRAVÉS* nos permite compreender e integrar o diferente, o estrangeiro, é onde nos permitimos estar abertos para receber o outro que existe fora e dentro de nós, ainda em potencialidade, ainda oculto, contudo sempre presente na nossa interioridade.

O *ALÉM* se inscreve fora do espaço-tempo, fora de nossas referências existenciais, mas se movimenta nelas, podendo ser aí experimentado, independente de qualquer subjetividade. Ele é a própria vida em sua essência infinita, irradiação de força de vida, onde o *Ser - Eu É*. Nele vibra o poder que gera mundos e criaturas, nele a Infinitude, o Vazio.

ENTRE – ATRAVÉS – ALÉM representam uma jornada desafiadora da qual bem nos fala Parmênides em um trecho da *Eléia*:

Éguas que me levam
a quanto lhes alcança o ímpeto,
cavalgam, quando vieram me buscar e
levaram-me rumo a uma
via legendaria da divindade que leva
o homem que conhece através
do vasto escuro desconhecido.
Mas, então, eu te resguardarei daquilo que
os mortais que nada sabem, bicéfalos forjam.
Pois o despreparo em seus peitos
é o que guia em frente
seus espíritos errantes, enquanto
são levados em torpor.

Podemos afirmar que todas essas palavras: *REAL – REALIDADE – ENTRE – ATRAVÉS – ALÉM*, que se movimentam no cerne da Transdisciplinaridade se apresentam como um *farol*, uma *bússola* e um *horizonte* a cada um de nós, enquanto viandantes que somos neste caminho. Elas sinalizam que a palavra Transdisciplinaridade trouxe um esclarecimento, uma orientação, uma abertura para revisitarmos e ampliarmos o que compreendemos por conhecimento e por entendimento.

Isso porque, a Transdisciplinaridade aponta para necessidade de uma harmonização, de uma articulação entre do nosso espaço exterior, caracterizado pela *efetividade*, que muito facilmente corre o risco de

desprezar o <<ser humano>> – projeto de Homo Sapiens que ainda estamos por realizar – e do **espaço interior**, caracterizado pela **afetividade**, que nos torna genuinamente humanos.

Igualmente, podemos acrescentar que o exercício **efetivo** e **afetivo** dessa palavra se mostra como uma transgressão de nossas formas de pensar, conhecer, entender. Essa transgressão pode se traduzir aqui, no sentido de transgredirmos a nós mesmos, às nossas resistências cognitivas, aos nossos entraves emocionais e psíquicos, aos nossos condicionamentos pessoais, familiares, religiosos e nacionais e, assim, nos abriremos para nos aproximarmos e atualizarmos nossas melhores potencialidades.

No século XX, na década de 70, a palavra Transdisciplinaridade foi forjada. Como afirmou a Dra. Julieta Haidar, em sua fala de Inauguração do III Congresso Mundial: a Transdisciplinaridade não é um acréscimo quantitativo à Disciplinaridade, à Multi e à Interdisciplinaridade, um quarto termo a ser acrescentado a elas, mas que se trata de um acréscimo qualitativo. Esta palavra aporta uma abordagem que está fora destas formas de conhecer, e por isso é complementar a elas. Transdisciplinaridade não é um simples conceito, ela não pode ser reduzida a um conceito e, muito menos, ser chamada uma disciplina. Ela nos coloca a caminho, ela funda algo, ela abre novos caminhos, ela nos desafia para um novo pensar, ser e agir.

Relembro agora os quatro modelos estruturantes do pensamento ocidental: refiro-me ao Mito, à Filosofia, à Religião e à Ciência, cada um deles com seu objeto, seu método e sua finalidade. Neles todos, o que constitui o pensamento transdisciplinar pode ser encontrado por presença ou por ausência. Assim, a Transdisciplinaridade acontece ao mesmo tempo dentro e fora deles. Com o avanço e o sucesso da ciência moderna, principalmente a partir do século XIX, esses modelos passaram a ser considerados excludentes: se um, então, não o outro.

Pergunto: seria a Transdisciplinaridade um quinto modelo estruturante do pensamento uma vez que ela tem como função: 1) articular os quatro modelos

anteriores; 2) representar uma revisão das relações entre subjetividade e objetividade; 3) articular e ou religar saberes produzidos pelas disciplinas; 4) investigar e transatravessar as fronteiras do pensamento; 5) ampliar e ressignificar o modo de nos aproximarmos do conhecimento, incluindo a noção do **Real** e da multidimensionalidade da **Realidade**, sem os quais a Transdisciplinaridade não se realiza.

Deixo essa pergunta para a Vitória: *Afinal, como se constituiu e se constitui a transdisciplinaridade?*

Para falar de Transdisciplinaridade e compreendê-la em toda sua amplitude e profundidade precisamos dar alguns passos atrás e ir buscar o quê e como se pensava o mundo e qual era o papel do homem nessa conjuntura. A Ciência, em meados do século XVII, passou a ser nomeada Ciência Moderna ao estabelecer uma ruptura, até então nem mesmo imaginada, entre o indivíduo conhecedor e a Realidade, essa considerada completamente independente daquele que a observava.

Três postulados fundamentais se estabeleceram:

1. A existência de leis universais, de caráter matemático;
2. A descoberta destas leis pela experiência científica;
3. A reprodutibilidade perfeita dos dados experimentais.

O resultado disso foi a criação de um paradigma da **simplicidade** baseada na ideia de progresso sempre crescente. Como ciência fundamental da época, a física clássica se fundamenta no axioma da **continuidade**, já que a evidência dos fenômenos é dada pelos órgãos dos sentidos e se baseia numa **causalidade local** onde todo fenômeno físico é compreendido por um encadeamento contínuo de causas e efeitos que se encontram em pontos infinitamente próximos. A essas ideias veio se juntar a do **determinismo**, pois as leis da física clássica tem um caráter de previsibilidade, pois são baseadas em relações e equações matemáticas e, portanto, sempre determinadas, configuradas em uma **lógica do 3º**.

Excluído. Nesse tipo de conhecimento prevalece a fé incondicional na razão como única forma possível de conhecer e explorar o mundo.

O caminho do pensamento, que vem nos acompanhando desde os primórdios da história do homem, foi construído a partir de modelos e categorias criadas por pensadores que marcaram nossos modos de conhecer o mundo. Platão e Aristóteles iniciaram o caminho e, outros depois deles, desenvolveram essa trajetória, iluminada pelos mesmos princípios, que foram se estabelecendo e ganharam força com Descartes e Leibniz e, mais tarde, aperfeiçoada por Kant. Esse caminho, seguido pelos grandes pensadores, teve sua grande linha de força sustentada pela razão como entidade suprema do homem e a crença na certeza da separação entre este e o mundo que o cerca. Esses primados conduziram o modo do nosso conhecer e o conhecer da Ciência, considerada o grande receptáculo do saber, que como modelos a serem seguidos, desenharam nossos conceitos de Verdade e de Verdadeiro.

Foi a partir dessa trajetória do pensar que os conceitos fundamentais — da continuidade, causalidade local e determinismo foram construídos e se articularam numa dinâmica lógica do terceiro excluído. Esse modelo nos norteou por muito tempo e influenciou desde o início o modo como as Ciências Físicas foram constituídas. As Ciências Biológicas, Humanas e Sociais, por sua vez, herdaram essa mesma epistemologia, metodologia e lógica simplesmente reproduzindo esse modo de ser/fazer/conhecer.

No início do Século XX grandes transformações ocorreram com novas descobertas no campo da física que começaram a modificar a forma de ver o mundo e os fenômenos: o conhecimento tomou um novo rumo.

Essa nova trajetória que o conhecimento seguiu teve 2 contribuições fundamentais: a fenomenologia da intencionalidade de Husserl e o advento das inovações trazidas pelos cientistas das então chamadas ciências duras, principalmente aqueles da física quântica, tais como Planck, Bohr, Einstein, Pauli, Heisenberg, Dirac, Schrödinger, Born, de Broglie, Gödel e alguns outros, que também tinham uma sólida cultura filosófica e sabiam que suas descobertas trariam desafios culturais e sociais, já que rompiam com a tradição clássica que afirmava a separação

total entre o indivíduo observador da Realidade, mostrando que este faz parte do fenômeno observado, pois ele está no mundo e pode percebê-lo se estiver intencionalmente aberto para isso. Outros conceitos foram introduzidos, a partir dessas descobertas, que mudariam o caminho do conhecimento:

- i) o da **complexidade da Realidade** se opondo ao de simplicidade que vigorava até então;
- ii) o da **descontinuidade e causalidade global** substituindo àquele da continuidade e da causalidade local;
- iii) e o do **indeterminismo** constitutivo da escala quântica, o que de maneira nenhuma significa acaso ou imprecisão, mostrando que outras formas de comportamento da matéria podem ser possíveis, contradizendo o determinismo vigente.

Essa nova realidade, explicada segundo estes novos axiomas, criada a partir de experiências e muitos cálculos matemáticos, mostrava uma dinâmica própria que pedia uma lógica diferente da lógica clássica, uma lógica que admitisse não só estados atualizados, mas também estados contraditórios, possíveis, pois as respostas às experiências eram sempre estados prováveis e muitas vezes indeterminados. As teorias científicas seguiram uma tal trajetória que, quando concluídas, se mostravam problemáticas em sua demonstração: Gödel, lógico matemático, demonstrou seus dois teoremas da incompletude em 1931, mostrando que qualquer sistema axiomático não pode ser simultaneamente completo e consistente e, se o sistema é consistente, sua consistência não pode ser provada internamente ao sistema. Essa foi a gota d'água para aqueles que se apoiavam no paradigma da não-contradição e da completude dos sistemas estabelecendo, assim, um limite para a razão calculativa.

Novas formas de pensar e novas lógicas surgiram. A partir dessa nova forma de ver a Realidade, onde o sujeito faz parte do fenômeno que observa, como diz Husserl na sua fenomenologia e como experienciaram os cientistas quânticos em laboratório: estamos mergulhados em uma realidade complexa onde existe uma teia de fenômenos que interagem entre si e se interpenetram em constante mudança; fenômenos esses que operam em descontinuidade e se influenciam

mutuamente, pois existe um misterioso fator de interação, que não se reduz às propriedades dos diferentes indivíduos, mas está presente nas coletividades humanas. As conexões se fazem além das fronteiras locais o que expande o campo da verdade e da Realidade. A Transdisciplinaridade surge, então, como uma nova forma de responder a esse desafio de poder dar conta de conhecer e entender esse mundo presente: a compreensão só seria possível se uníssemos o Conhecimento, o Ser, o Agir.

Esse novo modo de conhecer, a Transdisciplinaridade, nos mostra que, como nos diz Heidegger, *“deuses e homens não só são iluminados na clareira do ser, mas, na sua relação com esta, são igualmente iluminadores”*, na medida que, genuinamente percebendo o mundo, sendo iluminados pela própria vida, levam essa sua ação à plenitude e realizam ações transformadoras que podem mudar a própria Realidade.

A partir desse novo caminho inaugurado pelos estudos de muitas mentes transdisciplinares que contribuíram desde há muito tempo para desenvolver essa nova forma de conhecimento, dentre elas destacamos Basarab Nicolescu, que sistematizou uma metodologia que está assim configurada:

1. A **ontologia fundamental** transdisciplinar se manifesta através dos **Níveis de Realidade**. Eles podem ser denominados:

- iv) espiritual: o inefável, o mistério;
- iii) anímico/mítico-simbólico;
- ii) mental/psíquico/emocional;
- i) macrofísico.

Os níveis de realidade são um conjunto de sistemas invariantes sujeitos a leis próprias (sistemas naturais) ou normas gerais e regras (sistemas sociais). Entre os níveis existe uma descontinuidade e um véu que os separa. Temos que reconhecer os pares de contraditórios que estão num mesmo nível de realidade como plataforma para nos alçarmos a um outro nível de realidade onde o 3º

incluído emergirá, e assim sucessivamente. Há diferentes níveis do objeto que por sua vez correspondem a diferentes níveis de percepção do sujeito. A cada nível de realidade corresponde um nível de percepção. Há muitas referencialidades em um dado nível, isto é, há uma multirreferencialidade dentro do mesmo nível de realidade. Pelo reconhecimento desses níveis se questiona o sentido e a verdade do Ser, tornamo-nos viandantes por um mundo qualitativo e multidimensional, bem diverso da evolução quantitativa material, sem jamais deixar de conferir a essa última seu inestimável valor.

2. **A Epistemologia:** a estrutura dos níveis de realidade e dos níveis de percepção é uma estrutura complexa e cada nível é porque todos os níveis são como são e existem ao mesmo tempo. Cada nível é sempre incompleto e, por isso, o conhecimento é infinitamente aberto. A epistemologia transdisciplinar se organiza via os conhecimentos aportados pela **Complexidade**, conceito esse oriundo das descobertas advindas dos estudos dos fenômenos quânticos que reagem a causalidade não-local e ao princípio de indeterminação. Alguns conceitos que fazem parte desta tecelagem: auto-organização, conectividade, incerteza, correlação, emergência, fluxo, potência, imprevisibilidade, ressonância, rizomas, retroalimentação, paradoxo e outros que mostram como o sistema é aberto e emergente. Através dessa complexidade é possível ler as conexões que fazem sentido e que sustentam nossas vidas. Cada nível de realidade se organiza segundo sua própria epistemologia e leis.

3. A **Metodologia** transdisciplinar é dinamizada através da **Lógica do 3º Incluído**, já que a passagem de um Nível de Realidade para outro Nível é assegurado por essa lógica que trabalha e aceita a contradição de pares de opostos, mas vai além da tensão gerada pela polaridade e escolha entre um *Sim* e um *Não*. Então, deixamos de nos restringir a uma lógica que gera soluções excludentes, uma lógica intolerante e absolutista, e nos abrimos para a possibilidade de percebermos a emergência de um terceiro termo que até então era pura potencialidade e que emergiu da própria realidade.

A Transdisciplinaridade gera, dessa forma, um manancial rico de formas de perceber, conhecer e trabalhar a Realidade. Ela visa um refinamento da

percepção, que procura esclarecer a multidimensionalidade e a multirreferencialidade da realidade ao endereçar a questão dos **Níveis de Realidade**, como seu objeto e dos **Níveis de Percepção**, como seu sujeito, tendo como elemento unificador o **Terceiro Oculto**.

Nessa instância estamos falando de uma Realidade que se instaura como **Transrealidade** com esses três elementos que se co-pertencem, onde o ser humano é uma interface entre o terceiro Oculto e o Mundo e o terceiro secretamente oculto é o *link* entre o Real e a Realidade, como bem mostrou Basarab Nicolescu na abertura do III Congresso Mundial de Transdisciplinaridade.

Minha fala, até agora, sobre a constituição da Transdisciplinaridade, foi de como passamos dos conceitos clássicos da Ciência com suas implicações ontológicas, epistemológicas, metodológicas e lógicas para novos modelos de pensar e de conhecer o mundo, após as descobertas quânticas; de como a metodologia da Transdisciplinaridade foi forjada e qual sua configuração.

Passo agora a fala para a Maria apresentar como se deu a aplicabilidade da Transdisciplinaridade, assim concebida, nessas últimas décadas no seu trabalho.

Uma vez que o pensar transdisciplinar é minimamente compreendido, torna-se evidente que o que provocou sua emergência é um sentimento de inquietação das pessoas e das instituições para tratar questões que concernem a relação: conhecimento – entendimento – ser/fazer. O pensar transdisciplinar aporta uma Re-valorização, uma Re-significação e uma Re-concepção da educação entendida em seu sentido mais amplo, caminho este que nos leva a um novo fundamento e solo, onde novas formas de ser/fazer possam ser enraizadas e produzir resultados que melhor atendam às demandas de nosso tempo e à criação de melhores projetos para o devir.

Nestes 20 anos de vida do CETRANS, desenvolvemos muitos processos formativos transdisciplinares. Aqui vou pincelar uma dessas experiências.

Refiro-me ao projeto **Formação Integrada para a Sustentabilidade – FIS**, implementado na Fundação Getúlio Vargas do Estado de São Paulo, uma das Escolas de Administração de Empresas mais renomadas em nosso país. Esse projeto, que se integrou na programação desta instituição como Disciplina Eletiva na graduação, foi iniciado em fevereiro de 2009, é vigente até hoje, e foi expandido para o seu programa de pós-graduação.

Pontuarei aqui, muito sucintamente, elementos constituintes do FIS, que disponibilizaram à essa escola de negócios alguns parâmetros do modo transdisciplinar de fazer educação para a sustentabilidade.

A noção de **Momentos de Prática** e de **Práticas de Momento** foi essencial para a experiência transdisciplinar contida nesse projeto, como se esclarecerá no decorrer dessa minha fala.

O FIS, do qual participei como orientadora transdisciplinar, foi pensado, concebido, organizado e implementado por pessoas que formaram uma Equipe que se dispôs a fazer um processo formativo transdisciplinar intenso entre seus participantes, durante todo o tempo que trabalharam juntos, e isso foi essencial para os excelentes resultados obtidos. Essa Equipe, definiu que toda a dinâmica do FIS, desde a seleção dos alunos até a co-avaliação final, seria processo coformativo transdisciplinar. E como isso aconteceu?

O **FIS** era oferecido a 22 alunos, em média, dos cursos de Administração Pública, Administração Privada e de Direito, que frequentavam entre o 3º e o 8º período. Isso promoveu uma troca fértil entre eles e uma oportunidade de lidar com o diferente.

A seleção dos candidatos ao FIS, se dava em 3 etapas e passou a ser denominada Co-seleção. Não apenas a Equipe escolhia os alunos, mas os alunos decidiam se era seu momento de participar de uma Eletiva tão <<fora da caixa>>, como diziam e com tantas atividades e demandas. **A Co-Seleção 1/Inicial**, tinha formato virtual discursivo e seu objetivo era caracterizar o perfil

do aluno e o perfil do FIS; a **Co-Seleção 2/Intermediária** em Fórum presencial que reproduzia o formato da Eletiva FIS, tinha como propósito perceber a atuação e a criatividade do aluno em ambiente coletivo e do aluno decidir se esse era o tipo de interação na qual gostaria de se engajar; a **Seleção 3/Final**, era quantitativa e visava constituir um grupo, o mais heterogêneo possível, que congregasse alunos de diferentes segmentos sociais, etnias, opção sexual; com experiência de estudo no exterior ou não; residente em SP ou vindo do interior; com facilidade e dificuldade de expressão; com performance fraca, média ou brilhante nos cursos que frequentavam, entre outros critérios.

Tão logo ficasse claro para os alunos o propósito e a configuração do FIS eles tinham que produzir um **Kick off**, que era uma comunicação pública para o lançamento de ambos os projetos pelos quais passavam a se responsabilizar.

As ações formativas do FIS articulavam mundo exterior e interior. Isso se concretizava através da elaboração de dois Projetos: O **Projeto Referência** e o **Projeto de Si Mesmo**.

O **Projeto Referência**, desenvolvido em conjunto pelos alunos, constituía uma prestação de serviço a um parceiro cliente real e à sociedade. Com forte vertente experiencial, este projeto tinha como foco a ampliação da prática dos conhecimentos de administração relevantes para a sustentabilidade. Ele era demandado por um cliente parceiro e visava propor recomendações e soluções para um desafio vigente em sua organização. Além de responder à demanda específica do cliente, o resultado deste projeto era um bem público.

O **Projeto de Si Mesmo**, visava trabalhar a emergência do sujeito. Ele se realizava a partir de atividades auto-reflexivas, experienciais e interpretativas e propiciava ao aluno um contato consigo mesmo e uma descoberta de dimensões de sua interioridade. Ele procurava articular práticas cotidianas pessoais na interação consigo mesmo, com o diferente e com momentos de silêncio. O impacto desse projeto para o aluno e para o grupo era incalculável,

pois ele propiciava questionamentos existenciais, refinamento da percepção de si mesmo e do outro, e a ressignificação de atitudes e relações.

A **Micro Imersão**: viagem de 3 dias, visava o aprofundamento reflexivo e crítico de ambos os projetos e também autocrítico.

A **Macro Imersão**: viagem de campo de uma 1 semana promovia o contato direto com o foco do Projeto Referência, exploração da realidade tal como se apresentava aos diferentes atores e a descoberta de um Brasil distante da realidade deste aluno. Também, nesse período, eram desenvolvidas atividades específicas ao projeto de Si Mesmo que incluíam, por exemplo: teatro, música, exercícios físicos, práticas meditativas. A carga horária diária desta imersão era de 14h.

Vale lembrar que também faziam parte do FIS:

As **Atividades presenciais semanais** desenvolvidas em sala de aula seguiam uma arquitetura formulada para cada encontro e eram pautadas pelos itens: Ideia Axial; Sensibilização; Foco Coformativo constituído por – Fundamentação, Conteúdo, Metodologia, Prática/Produto; Retorno Reflexivo; Leitura do Processo Grupal, enquanto emergentes relacionais dinâmicos e emergentes temáticos.

A **Co-Avaliação** era inter e transdisciplinar. Interdisciplinar porque pedia uma reflexão teórica preliminar, fazia transposição de conceitos, metodologias e lógicas, e levava em conta a dinâmica do processo. Transdisciplinar por ser guiada por uma fenomenologia que considerava a Complexidade, os Níveis de Realidade, Lógica do Terceiro Incluído, e tratava do estatuto da emergência do sujeito. Nesta co-avaliação o aluno e a Equipe definiam um Delta para referenciar o processo formativo. Nessas avaliações o pensar, enquanto dar atenção para o essencial, era o ponto nuclear para a atribuição dos valores.

Em todas as atividades do FIS o **Belo** era um valor, um ato cognitivo que une os homens. Mas, quero falar de um recurso muito potente que usávamos nesse processo formativo transdisciplinar no FIS.

Trata-se do que chamamos de **Surplus**. Esta é uma atividade de cunho cultural ou de conhecimento não relacionado diretamente nem ao Projeto Referência, nem ao Projeto de Si Mesmo, mas que dinamizava ambos. O *Surplus* tem por objetivo despertar e ampliar a curiosidade e o horizonte investigativo do aluno. Uma vez que é introduzido no sistema, o *Surplus* provoca um estranhamento que pode desorganizá-lo e convocá-lo a uma nova organização. A noção de *Surplus* é definida por Yves Barel como uma parte da <<matéria>> social que o sistema potencializa para se reproduzir como sistema. O *Surplus* social é, pois, este indivíduo ou grupo que tem um <<plus>> de cultura que está, velada, oculta, e que comumente não conta para seu papel. Contudo, esse é um valor *plus* indispensável à sustentação deste papel. Escreve Barel sobre *Surplus*, que ele é um tipo de dispositivo que possibilita ao sistema superar-se a si mesmo, pois ele deixa à disposição recursos mais vastos, os quais são necessários para a autorreprodução do sistema, daquilo que ele já tem de singular em si mesmo. O *Surplus*, pode se constituir em conhecimento ou atividade desconectada do conteúdo evidente tratado na eletiva; ele amplia a margem de escolha, pois deixa disponível e promove um alargamento do espectro *déjà vu*. Nesse sentido ele amplia o poder do sistema sobre ele mesmo. Exemplifico aqui alguns tipos de *Surplus* que inseríamos nas ações do FIS: Palestras sobre Astronomia, Biocosmologia; Contação de História; Calatonia, Canto; Culinária; Encadernação; Ikebana; visitas a cachoeiras; participação em celebrações festivas de comunidades, dentre outras.

Mas, agora prestes a concluir minha fala, me pergunto: Por que me referi ao passado, se o ciclo desta vídeo - conferência foi denominado “Transdisciplinaridade e o Futuro”? Me explico. Essa é uma relevante reflexão a se fazer, pois não revisitamos o passado para repeti-lo, mas sim para nele encontrar o que é a conservar, o que é a inovar. Isso porque, a própria dinâmica evolutiva do existir assim se dá. A Epoché em que estamos lançados já em si nos convoca, evoca, invoca e provoca para o novo que clama por

emergir. A visita à memória, não se restringe, a uma exposição de uma seqüência de episódios, ela é muito mais ampla, pois é nesse existir incessante que encontramos a *Physis*, enquanto Princípio, Força, enquanto eclosão da própria vida, em perpétuo desabrochar.

O FIS, como qualquer outra atividade de natureza transdisciplinar é um processo *in vivo*, não *in vitro*, sempre em movimento, continuamente em transformação que nos faz lembrar e reconhecer a beleza do fragmento de Heráclito encontrado nas citações contextualizadas desse filósofo, nos escritos de Plutarco que cito agora: <<Como diz Heráclito: “Não é possível entrar duas vezes no mesmo rio”, [pois] *substância mortal jamais se mantém duas vezes no mesmo estado*>>. E como diz o grande filósofo português do século XX, José Marinho:

... E o espírito revela-se,
concebido assim ante o mundo físico-biológico,
como um processo pelo qual o ser revelando-se
na máxima multiplicidade atual,
pode chegar a reencontrar-se
essencialmente uno e diafanamente simples.

Encerro aqui minha fala e passo a palavra à Vitoria.

Essa fala da Maria, me fez lembrar o mito da Hidra de Lerna, e da luta que Hércules trava com este horrível monstro de tantas cabeças. Nesse segundo trabalho, nosso herói nos coloca a questão do que conservar e do que cortar. Ele percebe que, apenas cortando com a espada, mais cabeças aparecem. Aqui é vital cauterizar com fogo as cabeças que devem tombar e conservar a cabeça imortal, primordial, aquela de ouro/solar, que continha a essência, para o trabalho se completar. Ele enterra, então, esta cabeça de ouro na pedra, a que representa o Princípio que sempre deve ser conservado, nos revelando, assim, que compreendeu o espírito do trabalho que veio realizar. Esta é uma bela metáfora para falar do Princípio que, em si, contém a eternidade, a

onipotência e a onipresença. Assim, nesse nível, o passado, o presente e o futuro são uma única e mesma realidade.

Mas, continuando minha fala, vou focar na experiência transdisciplinar do CETRANS no que diz respeito ao amplo projeto desenvolvido de formação de formadores. Pois, além desse trabalho, traduzimos, escrevemos e publicamos uma coleção transdisciplinar constituída por 20 livros, entre outras atividades.

A ação inicial formativa do CETRANS teve por finalidade reunir 40 pessoas de formações e profissões diferentes para conhecerem e aprofundarem o conhecimento transdisciplinar. Foram três anos dedicados à formação desses formadores realizada através de inúmeros encontros. Esse processo formativo aconteceu na Universidade de São Paulo, na Escola do Futuro, núcleo de Pesquisa diretamente ligado à Pró-reitora de Pesquisa Científica dessa universidade. Nesse período, realizamos três Encontros Catalisadores, de duração de 5 dias cada um deles, com a presença de eminentes palestrantes internacionais. Essa iniciativa foi crucial para a validação e ampliação desse processo formativo.

Em **1999**, para o 1º Encontro Catalisador convidamos os seguintes palestrantes: Basarab Nicolescu; Gaston Pineau; Paul Taylor; Humberto Maturana; Michel Randon e os temas abordados foram:

- *Um Novo Tipo de Conhecimento: a Transdisciplinaridade*
- *A prática da Transdisciplinaridade*
- *O Sentido do Sentido*
- *A Ética Universal e a Noção de Valor*
- *Transdisciplinaridade e Cognição*
- *O Belo*

Em **2000**, para 2º Encontro Catalisador convidamos os seguintes palestrantes: Michel Randon; Basarab Nicolescu; Agustí Nicolau Coll; Pascal Galvani; Patrick Paul; Martin E. Rosenberg; Steve Wasserstrom e os temas abordados foram respectivamente:

- *O Território do Olhar*
- *Fundamentos Metodológicos para o Estudo Transcultural e Transreligioso*
- *As Culturas não são Disciplinas. Existe o Transcultural?*
- *A Autoformação, uma Perspectiva Transpessoal, Transdisciplinar e Transcultural*
- *A Imaginação como Objeto de Conhecimento*
- *O Rizoma do Xadrez e o Espaço de Fases: Mapeando a Teoria da Metáfora na Teoria do Hipertexto*
- *A Religião além da Religião*

Em **2001**, para o 3º Encontro Catalisador convidamos os seguintes palestrantes: Newton da Costa, o criador da Lógica Paraconsistente e Gregory Chaitin, o criador do Número Ômega. Os temas foco desse encontro foram *Lógicas não-Clássicas e a Lógica do Terceiro Incluído*.

Cada um dos temas abordados em cada um dos três encontros catalisadores foram essenciais para que os formadores pudessem entender do que se tratava a Transdisciplinaridade e aprofundar sua fundamentação. Sem isso, a aplicação da Transdisciplinaridade nos campos profissionais que exerciam não aconteceria com devido rigor transdisciplinar.

Em **2005** realizamos o **II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade**, em Vila Velha/Vitória, Espírito Santo que teve como foco: **Atitude, Pesquisa e Ação Transdisciplinares**: **Atitude** enquanto estar aberto em busca da compreensão do mundo; **Pesquisa** procurando uma pluralidade epistemológica e **Ação** Transdisciplinar, articulando auto, hetero e eco formação e conhecimento formal e não-formal. Esse evento, momento fundamental para o avanço do diálogo transdisciplinar, foi coorganizado pela parceria do CETRANS com universidades do Brasil e com instituições europeias.

Neste relato ficou evidente que na 1ª década de vida do CETRANS, **1998-2008**, as atividades focaram prioritariamente a formação de formadores. Já a 2ª

década, **2008-2018**, foi marcada pela **aplicação dos fundamentos da Transdisciplinaridade**. Nesse período introduzimos novos conhecimentos e novas formas de pensar, experienciar e fazer. Nesse movimento, o CETRANS ampliou a forma de fazer transdisciplinaridade, dinamizou o diálogo transcultural e transreligioso e a articulação desse com obras de escritores nacionais e estrangeiros, com a mitologia grega, e com as tradições sapienciais do Oriente e do Ocidente.

Este foi também o momento em que compreendemos a necessidade de encontrar na Filosofia um diálogo vivo com a Transdisciplinaridade e, também, de nos abirmos para ao cultivo de nossa interioridade, para a relação coração – mente – essência, para que esse trabalho prosperasse. A aplicação da Transdisciplinaridade em suas múltiplas vertentes nos mostrou que o nível do pesquisador, aprendente, praticante, formador, profissional é o que determina sua expressão na vida, no dia a dia. Isso porque a relação Ser – Fazer é inexorável: apenas podemos fazer o que somos e o que fazemos alimenta o que somos. Eis como isso se deu:

2008 - 2016 foram anos de reconstrução e de um ativo repensar de rumos possíveis de ação. Dentre os temas retomados e aprofundados salientamos: **Terceiro Incluído e o Sagrado**, noções sobre **Contradição e Paradoxo**, e os conceitos de potencialização, atualização, homogeneidade e heterogeneidade da lógica da energia de Stéphane Lupasco, e da Lógica da Realidade de Joseph Brenner.

Outros temas relevantes foram tratados: as noções de **Vazio, Sunyata e Niilismo**. O aprofundamento da lógica do Terceiro Incluído nos propiciou abordar melhor a emergência do Terceiro Secretamente Incluído, que se manifesta como o Sagrado. Compreendemos que a transcendência e sua relação com o homem envolvem sempre uma relação que contempla o mistério do qual nada se pode afirmar nem negar porque envolve o desconhecido, o vazio, o amplo, o expandido, o livre, o dilatado, o inapreensível, o irrepresentável.

Nesse período o CETRANS continuou se renovando continuamente de modo a melhor atender as demandas emergentes no trabalho que os formadores realizavam. Temas como **Linguagens Transdisciplinares** e a emergência do Sujeito foram explorados. E, também, maior atenção foi dada a relação Transdisciplinaridade e corpo, e sua expressão multidimensional do ser que somos. Para tal, o CETRANS promoveu vários seminários sobre: **Ciência e Tradição; Pragmatismo TD; Cotidianidade e Transcendência; O Sentido da Vida; O Belo**. Essa aproximação foi feita por meio de cognição intelectual, textos clássicos e contemporâneos, por exercícios de expressão corporal, pelo lúdico e pela Arte. As atividades desenvolvidas esclareciam a noção de Beleza como uma mediação tangível e intangível nos diferentes níveis de realidade.

Dois outros temas que elegemos foram: o primeiro, Saúde e Transdisciplinaridade; o segundo, Sobre a Metafísica. O grande aprendizado desse período foi perceber que nosso pensamento é um representar e que estamos inseridos numa cadeia de sentido na qual se estabelecem múltiplos circuitos de conexão. A questão da saúde foi tratada a partir da ideia de que o corpo é uma superfície de revelação de nosso *ser – sendo – fazendo* e um vasto campo de aprendizagem. Introduzimos uma reflexão sobre a Metafísica, sua natureza antropocêntrica, e propusemos reflexões sobre caminhos possíveis de sua superação.

Um terceiro tema escolhido para nossos projetos foi **O Símbolo e o Sagrado** abordado a partir dos Níveis de Realidade no que tange à multidimensionalidade, à multirreferencialidade e a perda de informação na passagem de um nível a outro. Os recursos utilizados foram os esquemas religiosos das tradições sapienciais, bem como registros simbólicos sócio-político-culturais da contemporaneidade.

Até 2016 as atividades do CETRANS foram restritas a seus membros. A partir de então, elas passaram a ser abertas ao público, o que se mostrou revigorante e regenerador para qualquer pessoa atraída pela já tão divulgada palavra Transdisciplinaridade e para o próprio CETRANS.

Com o passar do tempo, percebemos que, para realizar um projeto que tivesse qualidade e profundidade, precisaríamos escolher e estudar um foco temático, formar um grupo de pessoas que o aprofundariam por um ano, para apresentá-lo a um público aberto, no ano seguinte, em seis encontros presenciais. Esse processo permitiu um aprofundamento da Transdisciplinaridade tanto para o grupo pesquisador como para aqueles que vieram a participar das atividades. Os temas abordados foram: em **2017 – Eros *in Vivo***; em **2018 – Rede Transdisciplinar Intergeracional**. Essa atividade foi desenvolvida a partir do referencial cognitivo *A Árvore do Saber-Aprender*, de Hélène Trocmé-Fabre, descrita através de 10 etapas: Saber Descobrir; Saber Reconhecer as Leis do Vivente; Saber Organizar; Saber Criar Sentido; Saber Escolher; Saber Inovar; Saber Trocar; Saber Compreender; Saber Entender; Saber Comunicar.

Em 2018 realizamos o **IV Encontro Catalisador Transdisciplinar** que resultou na publicação do livro ***Ações Compositivas***, disponibilizado para *download* gratuito na Amazon. Os temas tratados foram:

- Transdisciplinaridade? *Maria F. de Mello*
- O que é Chamado Pensar. *Sergio Bolliger*
- Pensamento Chinês, a Busca da Harmonia dos Diferentes. *Gustavo Pinto*
- Conversando sobre Pedagogia Transdisciplinar em um caminho no campo com Heidegger, Zisi, Nicolescu e Foucault. *Paul Gibbs*
- Pesquisa e Ensino de Astrobiologia: um Empreendimento Transdisciplinar. *Amâncio Friaça*
- Transdisciplinaridade e Transmetodologia. *José Ernesto Bologna*
- Transdisciplinaridade: Resistências Cognitivas e Níveis de Realidade. *Patrick Paul*
- O Terceiro Incluído e os Buracos do Coelho. Transdisciplinaridade e a Realização das Potencialidades Pessoais. *Paul Gibbs*

Em 2019 o foco do trabalho do CETRANS foi **O Ser Transdisciplinar** para o qual realizamos Laboratórios Transdisciplinares. Fazia parte desse programa atividade corporal e sensível, seguida de interpretação de texto e reflexão

sobre sua aplicabilidade, escuta sensível e prática de momentos. Um farto café da manhã oferecido aos participantes a cada encontro se tornou um momento de convivência, trocas espontâneas e fertilização cruzada do que estava sendo abordado.

Desse modo, desde 1998, através das inúmeras ações aqui listadas as palavras que se movimentam no cerne da Transdisciplinaridade – Real e Realidade; *entre, através e além*; *Ente e Ser*; *Ser dos Entes*; *Finitude, Infinitude* e *Vazio*, citado por Maria no início dessa nossa conversa, passaram da potencialização para a semi-potencialização, das semi-atualizações para a atualização, como nos diz Lupasco, no que concerne o ser/conhecer/fazer Transdisciplinar.

O que fala a Transdisciplinaridade? O que diz a Transdisciplinaridade daquilo que fala? Melhor que todas as narrativas deixamos aqui expresso nossa compreensão e sentimento na linguagem poética das palavras de Jean Biès:

TRANSITUDE

Entre, através e além,
o longe e o perto, o sem-Onde,
ontem e amanhã, o instante perene,
o movimento e o eixo, a dança.

Entre, através e além
o vidro e o ar, a transparência,
sílabas e respiração, o sabor,
o dito e o tu, a presença.

Entre, através e além
vazio e cheio, cumplicidade,
a ânfora e a argila, uma mão
ser - o tudo e o nada, o sentido.

REFERÊNCIAS

BAREL, Yves. 2008. *Le Pardoxe et le système. Essai sur le fantasme social*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

BRENNER, Joseph. 2013. *Lógica na Realidade*. São Paulo: Editora TRIOM.

Diversos Autores. 2001. Org. BARROS, Vitoria; MELLO, Maria F. e SOMMERMAN, Americo. *Educação e Transdisciplinaridade I*. São Paulo: Editora TRIOM.

Diversos Autores. 2002. Org. BARROS, Vitoria; MELLO, Maria F. e SOMMERMAN, Americo. *Educação e Transdisciplinaridade II*. São Paulo: Editora TRIOM.

Diversos Autores. 2019. Org. Maria F de Mello e Vitoria Mendonça de Barros. *Ações Compositivas – Encontro Catalisador Transdisciplinar*. São Paulo: Editora TRIOM. [E-book disponível na Amazon].

HEIDEGGER, Martin. 2012. *Ser e Tempo*. Edição bilingue com tradução de Fausto Castilho. Petrópolis: Editora Vozes.

HEIDEGGER, Martin. 2015. *Contribuições à Filosofia – Do Acontecimento Apropriador*. Rio de Janeiro: Editora Via Vêrita.

HEIDEGGER, Martin. 2015. *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica. Mundo – Finitude - Solidão*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

NICOLESCU, Basarab. 1999. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Editora TRIOM.

NICOLESCU, Basarab. 2012. *O que é a Realidade? Reflexões em torno da obra de Stéphane Lupasco*. São Paulo: Editora TRIOM

Org. DOMINGUES, Ideli; GALLUCCI, Erica e MELLO, Maria F. 2014. *Formação Integrada para Sustentabilidade. Experiência Inter e Transdisciplinar em Escola de Negócio*. Fundação Getulio Vargas. São Paulo: PGPC. Programa de Gestão Pública e Cidadania.

APÊNDICE

Por último e não menos importante, gostaríamos de apresentar dois novos projetos transdisciplinares que se originaram a partir do III Congresso Mundial de Transdisciplinaridade – 2020-2021:

A. FLUXUS DE PALAVRAS

Livro que contém a pesquisa de natureza transdisciplinar desenvolvida pela Comunidade Integrada CETRANS e Colaboradores durante o III Congresso Mundial de Transdisciplinaridade na Modalidade Virtual em 2020/2021 – IIICMTDV. Esse projeto que se transformou num livro e num Sistema Web de consulta para os usuários foi elaborado dentro de uma visão transdisciplinar e pode ser assim descrito:

O projeto

1. Dinâmica entre os oito participantes da pesquisa: cultivar e registrar o movimento da prática do diálogo transdisciplinar a partir da abertura de um espaço de qualidade de escuta entre todos nós. Essa dinâmica possibilitou a emergência de um fluxus de palavras constituído pelas apresentações proferidas pelos 430 palestrantes do IIICMTDV, representantes de cinco continentes. Ainda que na escolha das palavras incorrêssemos em um certo nível de subjetividade, sempre nos pautamos pelo acolhimento da apresentação de quem falou e sobre o que se falou.
2. **Intenção:** criar uma unidade dinâmica que refletisse a abrangência do IIICMTDV. Organizar e facilitar o acesso a esse conteúdo através de um banco de dados em *web-system*, que permitisse ao leitor, usuário e/ou pesquisador acessar as atividades das 46 semanas de atividades.
3. **Palavras e contexto:** apresentar as palavras ligadas ao contexto em que foram proferidas, com *link* direto à fala do palestrante e ao *slide* apresentado. Cada entrada registra exatamente a fala do palestrante ou o que ele mostrou em seu *Power Point*.

4. **Produtos da pesquisa:** a) um artigo sobre o processo de elaboração da pesquisa; b) e-book com download gratuito na Amazon; c) Sistema *Web* com o registro das palestras, palavras e seus contextos, para consulta dinâmica interativa e acesso aos dados acolhidos no *link*: <http://cetrams.com.br/site/> d) Ambiente *Web* organizado, para consulta ágil dos interessados, com as apresentações de *slides* dos palestrantes.

B. TDNEXUS

A **Conexão Mundial Transdisciplinar – TDNEXUS** é um sistema de cadastro de pessoas interessadas em Transdisciplinaridade. Ele é composto por membros de centros de educação, ação, pesquisa e estudos transdisciplinares públicos, sociais ou privados. Este cadastro foi criado pelo Centro de Educação Transdisciplinar – CETRAMS em 2022.

Para acessar o TDNEXUS digite em seu navegador: <http://cetrams.com.br/site/> Logo na primeira página do site você encontrará o *link* para acesso. Após se cadastrar você poderá fazer sua pesquisa por um dos campos do sistema ou por uma combinação deles. Uma vez que nome, email, país, continente, cidade e site dos cadastrados estão disponíveis para todos é possível a cada usuário entrar em contato direto com qualquer outro usuário do TDNEXUS.

O TDNEXUS será utilizado para divulgação de ações transdisciplinares de âmbito local ou internacional de modo a facilitar a dinamização uma Rede Mundial Transdisciplinar. As comunicações do TDNEXUS poderão ser enviadas por seus administradores a todos os cadastrados ou a partes deste cadastrado selecionadas por país, continente, cidade, língua, faixa etária, centros, segundo as características e escopo delas.

Nossa intenção é de que o TDNEXUS seja uma via de conexão e integração viva e fértil do ser/fazer transdisciplinar *entre – através – além* ao nos colocar tanto no âmbito do possível quanto do já atualizado.